

Comunidade polônica latino-americana  
Identidade continental, regional, local  
Perspectiva brasileira

*Andrzej Dembicz*  
*CESLA*  
*Universidad de Varsovia*

Durante recente simpósio (agosto de 1999), no Rio de Janeiro, dedicado ao tema “Espaço na América Latina: contraponto entre localidade e globalidade”, problema que despertou viva discussão foi o direito à etnicidade (alteridade étnica) dos descendentes da imigração maciça para a América Latina, nos séculos XIX e XX. Mas, motivo de discussão veio a ser a questão: podemos, em pé de igualdade com a etnicidade dos habitantes autóctones da América, independentemente do seu grau de integração biológica e social, colocar a etnicidade (e, nessa dimensão, os direitos humanos) dos descendentes dos imigrantes chegados à América, oriundos da Europa Centro-Leste ou do Japão. Tinha-se a impressão de que havia um maior consentimento para alteridade étnica em relação ao japonês do que ao polonês, que é, entretanto, “tão europeia como a maior parte da imigração maciça”, que veio configurar algumas das sociedades latino-americanas contemporâneas. Dessa forma, todos – independentemente da cor da pele e da origem geográfica – que sejam cidadãos, por exemplo, da Argentina, têm igual direito a reivindicar alteridade étnica própria. Justamente nesse ponto, as opiniões ficaram divididas. Pois, o argumento extra-formal-jurídico em detrimento dos não-autóctones deve ser algo do tipo solidariedade pro-nacional (anti-particular-étnica), que começa a atuar no momento do “desembarque dos navios”, ocorrido cem ou oitenta anos atrás?

Parece que esse debate é um dos sinais dos tempos em que vivemos. O período de construção das identidades nacionais, baseada no princípio do pote que tudo funde, passa

gradualmente, em verdade, ao passado, mas, continuam a existir muitos temores quanto aos possíveis efeitos políticos de outro modelo, mais aberto.

Penso que excelente complementação para a reflexão acima foi o acontecimento vivido por mim, poucos dias mais tarde, no caminho de volta para a Europa. Voltando pela Lufthansa, através de Frankfurt, para Varsóvia, no avião transatlântico ocupava o lugar ao meu lado uma jovem. O voo de mais de dez horas favorecia ao encetamento de uma conversa. Eis, abreviadamente, o que ela falou de si: "Nasci em Santa Catarina, no Brasil. Meus pais, descendentes dos tchecos Sudetos, emigraram ainda como crianças, juntamente com as famílias, para o Brasil, onde cresceram, se conheceram e casaram. Cresci no Brasil e tinha consciência de ser brasileira de origem alemã. Fui estudar na Alemanha. Depois dos estudos, fiquei uma série de anos na Alemanha, trabalhando numa grande empresa ligada ao mercado brasileiro. Contudo, não me sentia bem. Faltava-me algo, como se fosse parte de mim. Decidi retornar ao Brasil, para tentar ver se se tratava da brasilidade. Trabalhei durante um ano aí. No entanto, desiludi-me. O Brasil, inclusive o Brasil meridional, não é o país onde eu poderia me reencontrar. O lugar da minha infância é-me hoje em dia um mundo completamente estranho. Agora, estou indo para Manchester. Meu noivo é inglês. Não sou nem alemã, nem brasileira. Não sei quem sou. Possuo lugar de nascimento e infância. Entretanto, não tenho lugar próprio na Terra. Talvez, venha a ser inglesa. Embora duvide que possa me fundir nessa sociedade. Acho que não. É possível que eu fique vivendo aí, mas, é já quase certo que procurarei sempre um lugar próprio, o meu lugar, no mundo"

Desde há alguns anos, viajo com frequência no percurso Frankfurt-Rio de Janeiro-São Paulo-Buenos Aires, e, a cada vez, independente do voo ser da Lufthansa ou da Varig, a estrutura dos passageiros é idêntica: pelo menos a metade é constituída por brasileiros de origem alemã. A situação é tão característica, que, hoje em dia, no limiar do século XXI, e, após 150 anos desde o início da imigração alemã maciça para o Brasil, pode-se ter a

impressão de que o tempo não tenha passado, mas tenham mudado somente os meios de transporte e de comunicação. Por exemplo, a localidade intramontanhosa de Benedito Novo, na região central de Santa Catarina. De uma parte, ilustra a transposição quase mecânica de alguns modelos culturais (por exemplo, arquitetônicos, de organização espacial urbana, de formas de vida) da Europa Central; por outro lado, fornece provas de que falar aqui de *identidade brasileira*, seria, para além da lealdade ao Estado brasileiro e, ainda mais, ao Estado de Santa Catarina, uma questão enormemente ambivalente. O *prefeito* é brasileiro de descendência alemã (ou, simplesmente, *alemão*), o padre da paróquia católica (a qual pertence a maioria dos habitantes) é missionário polonês, e esses dois grupos étnicos: *germano-brasileiro* e *polono-brasileiro* marcam a brasilidade dessa pequena, mas rica região. E assim desde há mais de cem anos. Se bem que os meios etno-brasileiros, afora os grupos clássicos de etnias autóctonas e afro-brasileiras, sejam bem mais numerosos. Uns mais fortes, outros mais fracamente fundidos no panorama cultural do Brasil contemporâneo. Encontram-se descendentes de imigrantes ucranianos ou japoneses, que de forma decidida cultivam as tradições de seus antecessores, mas igualmente descendentes de italianos que apresentam grandes capacidades de assimilação.

Esses fenômenos constituem um elemento muito importante do complexo brasileiro da multiplicidade de culturas e fronteiras interculturais. No entanto, estão inseridos no processo mais amplo da diversificação social e econômica do Brasil, que, no decorrer de cinco séculos, mas, particularmente, dos últimos duzentos anos, levou à configuração de alteridades culturais regionais extremamente fortes, bem como, às vezes, a muito claras linhas fronteiriças entre as mesmas.

Darcy Ribeiro (Ribeiro, 1997) escreve sobre cinco Brasis que se configuram no processo histórico: *Brasil crioulo*, *Brasil caboclo*, *Brasil sertanejo*, *Brasil caipira*, *Brasis sulinos*. A cada um deles atribui uma determinada região geográfica. Fundamentalmente, a abordagem antropológico-histórica, que procura modelos em

torno dos quais foram construídos os rudimentos da sociedade brasileira, permite o uso desse recurso. A situação se complica extraordinariamente no século XIX, quando, sob a influência do acelerado desenvolvimento demográfico e econômico, bem como de paradigmas ideológicos-políticos completamente novos, a rede - até agora em funcionamento - de sistemas culturais-espaciais começa a se tornar cada vez mais nítida. Das cinco categorias culturais-espaciais, distinguidas por Ribeiro, no século XX, são defensáveis duas: *Brasil crioulo* e *Brasis sulinos*, assim como, eventualmente, *Brasil sertanejo*, sob a condição, no entanto, de que a noção de *sertão* tenha carácter fundamentalmente toponímico, e não terminológico, referindo-se aos *sertões* como desertos culturais. À margem dessa questão, vale a pena lembrar que excelente trabalho de doutorado sobre o tema do simbolismo dos *sertões*, intitulada "Cidades e sertões: a produção simbólica dos espaços geográficos no Brasil", foi defendida em 1998 por Gilmar Arruda, pesquisador da Universidade Estadual de Londrina (Paraná). A importância dos modelos clássicos de diversificação cultural-espacial do Brasil sofreu enfraquecimento, em resultado dos processos dos séculos XIX e XX; contudo, divisões significativamente mais claras nos diferentes Brasis foram efetuadas pelos processos sócio-econômicos, particularmente da segunda metade do século XX.

No contexto do acima dito, fundamental significado tem o fato de que os *Brasis sulinos* permitem-se, seguidamente, ser distinguidos como unidade cultural-espacial claramente distinta, pois constitui, acima de tudo, referência territorial para o problema aqui abordado.

Mas, façamos ainda referência a Darcy Ribeiro: "A característica básica do Brasil sulino, em comparação com as outras áreas culturais brasileiras, é sua heterogeneidade cultural. Os modos de existência e de participação na vida nacional dos seus três componentes principais não só divergem largamente entre si como também com respeito a outras áreas do país. Tais são os lavradores "matutos" de origem principalmente açoriana, que ocupam a faixa litorânea do Paraná para o sul; os

representantes dos antigos “gaúchos” da zona da fronteira rio-platense e dos bolsões pastoris de Santa Catarina e Paraná, e, finalmente, a formação “gringo-brasileira” dos descendentes de imigrantes europeus, que formam uma ilha na zona central, avançando sobre as duas outras áreas.” (Ribeiro,1997: 408-409). No entanto, em relação à formação cultural-espacial, que define como *gringo-brasileira*, Ribeiro faz a seguinte observação geral: “A terceira configuração histórico-cultural da região sulina é constituída pelos brasileiros de origem germânica, italiana, polonesa, japonesa, libanesa e várias outras, introduzidas como imigrantes do século passado, principalmente nas últimas décadas. Embora brasileiros como os demais, porque não saberiam viver nas pátrias de seus pais e avós e porque são brasileiras as suas lealdades fundamentais, configuram uma parcela diferenciada de população por sua forma de participação na sociedade nacional. Distingue-os o bilingüismo, com o emprego de um idioma estrangeiro como língua doméstica, alguns hábitos que ainda os vinculam a suas matrizes européias e, sobretudo, um modo de vida rural fundado na pequena propriedade policultora, intensivamente explorada, e um nível educacional mais alto do que o da população geral.” (Ribeiro, 1997:436) Em verdade, parte dessas observações, foram feitas por Ribeiro já há bastante tempo, contudo, algumas delas, como por exemplo, o uso em casa da língua dos antecessores, nos meios rurais, entre as pessoas de quarta ou quinta geração pós-imigracional, continua a ser bastante frequente. Sobretudo nos meios rurais e das pequenas cidades.

Na situação acima descrita, a existência de fronteiras interculturais e de identidades limites constitui uma característica imanente das sociedades que estão construindo os espaços sociais dos três estados sulinos do Brasil. Além do fato de existirem espaços sociais comuns, estaduais e municipais, cada um dos grupos étnico-culturais cria suas próprias redes que marcam espaços físicos e abstratos. Nesse caso, aliás, igualmente como em muitos outros, e não somente na América Latina, o problema *espaço-identidade* está enraizado, de um lado, na noção

de *espaço-estrutura*, de outro, na realidade típica da América Latina da *unidade-diversidade*. Assim, do acima resulta que "(...) num território (contendo muitos lugares) funcionam e criam suas próprias identidades diversos espaços (espaços-estruturas) físicas (palpáveis) e abstratos de diversos gêneros ou tipos, mais difíceis ou fáceis de serem descobertos e suscetíveis a interpretação. Esses espaços interpenetram-se, sobrepõem-se e aglutinam-se mutuamente, são de diversas dimensões e alcances". (Dembicz, 1996:10) Os alcances de tais redes-espaços marcam os limites das culturas e, nos seus pontos de união, são criadas as identidades limítrofes. No caso dos espaços abstratos, podem ser de difícil percepção, mas no caso dos espaços físicos, marcados territorialmente, a sua percepção e interpretação são, em geral, mais fáceis. Justamente, tais redes, de ambos os gêneros, que marcam os próprios espaços culturais, criam também os "*polono-brasileiros*". Os componentes que com maior frequência se apresentam são os elementos da tradição camponesa; mais raramente, considerando a gênese da emigração e as evoluções dos meios de origem polonesa, componentes constitutivos são elementos políticos e econômicos.

No caso dos *polono-brasileiros*, assim como também da maior parte dos grupos étnicos que habitam a região sudeste do Brasil, observa-se claramente a tendência ao renascimento da identidade étnica.

Em que categorias, além das categorias básicas de identidades nacionais, da brasileira e da polonesa, podemos ainda perceber os efeitos do renascimento da identidade étnica entre os "*polono-brasileiros*", como também de outros grupos de brasileiros étnicos, assim como, abrangendo de uma maneira geral, de outros latino-americanos étnicos.

Penso que, para a plena abordagem da problemática, deve-se considerar a co-participação, na escala de toda a região da



América Latina, de alguns processos fundamentais. São os seguintes:

\* Aprofundamento da diversificação regional da maior parte dos países da América Latina, principalmente dos grandes, assim como daqueles em que os processos de transformação sócio-econômica e política, que tendem para a descentralização e fortalecimento da auto-gestão territorial estão alcançando os maiores sucessos.

\* Os processos acelerados de identificação regional supranacional, na extensão de toda a América Latina ou de agrupamentos regionais supracionais menores, por exemplo Mercosul. A reviravolta que ocorreu, quanto a esse aspecto, no espaço das últimas décadas no Brasil, é muito significativa.

\* O renascimento das identidades étnicas entre os latino-americanos, particularmente de descendência euro-centro-leste, mas não só. O aprofundamento da consciência étnica leva, por sua vez, à intensificação dos movimentos sociais e étnicos de diversos gêneros.

\* A explicação do renascimento da identidade étnica polonesa como movimento étnico polonês pan-latino-americano. A ausência de consciência sobre esse gênero de fenômenos no caso de outras etnias é fácil, no entanto, de imaginar que podem ocorrer.

Não foram arrolados nessa lista os processos de configuração das identidades nacionais, por considerá-los uma constante dos últimos dois séculos na América Latina.

Assim é que, na minha convicção, a interação dos processos acima mencionados faz com que se deva procurar os efeitos potenciais do renascimento das identidades étnicas, nos três seguintes níveis: continental (latino-americano), regional subnacional e local. Na configuração da identidade, em cada um desses três níveis, os processos mencionados anteriormente irão, naturalmente, desempenhar papéis diversos.

Em cada um dos casos (isto é, em cada um dos níveis), trata-se também da identidade em duas dimensões. De um lado, do sentimento de laço territorial polônico, que é efeito da

consciência das raízes polonesas ou da posse de identidade polonesa; por outro lado, de identidades territoriais – latino-americana, regional (subnacional) e local, numa dimensão cultural mais plena, enraizadas na brasilidade ou em outra identidade nacional latino-americana, constituindo nesse caso plano básico de referência.

Na parte seguinte da análise, referir-me-ei, por considerações empíricas, exclusivamente às situações brasileiras.

### Nível continental

Participação na configuração da identidade continental têm, praticamente, todos os processos mencionados acima, desde que inclusive a descentralização do Estado facilita os fluxos internacionais. No entanto, penso que, nesse caso, particularmente interessante é a aproximação da consciência dos laços no nível regional supranacional latino-americano, através do movimento polônico continental. Anteriormente, não existiam premissas desse gênero para o surgimento de identidades latino-americanas nos meios daquelas Comunidades Polônicas.

Antes de 1939, não se podia falar de projeção latino-americana do Brasil, ainda mais da colonização polonesa nesse país. Após 1945, por sua vez, nos meios da recente emigração de pós-guerra, bem mais fundamental era a preservação do equilíbrio entre a própria identidade nacional e a necessidade da integração com as sociedades dos países onde se estabeleceram. Contudo, a Comunidade Polônica argentina ou brasileira, nas sucessivas gerações, igualmente como os demais meios sociais desses países (com exceção das elites políticas e intelectuais) sentia impulsos extraordinariamente fracos em prol da identidade latino-americana. Isso mudou juntamente com o surgimento da nova consciência política das elites intelectuais do Brasil (difícil subestimar, quanto a esse aspecto, os méritos de Darcy Ribeiro e Fernando H. Cardoso), assim como também com o processo acelerado de integração regional supranacional, iniciado há cerca de vinte anos.



No caso da Comunidade Polônica brasileira, funciona, no entanto, desde cerca de dez anos, também, estímulo adicional constituído pela procura de comunidade polônica no nível latino-americano. Inclusive, tenho a impressão que, para a maioria de seus membros, esse estímulo é mais importante do que a orientação aberta do Brasil face à América Latina e ao latino-americanismo. Pois, isso constitui algo especificamente próprio, complementar em relação ao plano nacional geral. Aliás, o latino-americanismo na versão sul-brasileira é, sobretudo, muito concretamente, o Mercosul, visto pelo prisma da língua espanhola nas escolas, dos caminhões argentinos nas estradas do Paraná ou das mercadorias nas prateleiras das lojas. Contudo, a ativação latino-americana polônica é bem mais ampla. O surgimento da União das Associações e Organizações Polonesas na América Latina - USOPAL, em 1993, a iniciação de um programa concreto de cooperação, a organização de sucessivos anuais Congressos da USOPAL e dos Congressos da Comunidade Polônica da América Latina, criaram possibilidades de percepção do meio supranacional latino-americano não como algo externo, com frequência incompreensível, inclusive, cultural e historicamente estranho, mas como fenômeno possível de ser tratado em categorias de comunidade.

Falo disso com toda a prudência devida a qualquer problema que se encontra em seu estado inicial. A USOPAL como organização polônica procura criar uma extensa rede latino-americana, desde o México ao Cono Sur, e com toda consciência desenvolve justamente tal concepção de comunidade continental polônica. Ambas dimensões de identidade: latino-americana e polônico-latino-americana evidentemente se sobrepõem. Os céticos, e eles não são poucos, reportam-se ao pequeno enraizamento do movimento polônico pan-latino-americano numa base social mais ampla. Parecem ter razão. Por outro lado, no entanto, todos esses tipos de idéias e processos são lentos e exigem grande paciência. É cedo demais para conclusões, contudo, é indispensável o registro e a consideração séria do processo iniciado, o que estamos procurando fazer. Penso

também que a condução, no futuro próximo, de pesquisas sobre o acervo de até agora da USOPAL justamente sob esse ângulo, bem como a tomada em consideração de tais elementos como cooperação da antiga e nova emigração na configuração da identidade polônica latino-americana e da difusão dessa idéia entre os meios polônicos regionais e locais, poderia trazer resultados muito interessantes. Vale, assim, retornar à questão nos próximos anos.

#### Nível regional (subnacional) e local

Diferentemente das experiências polônicas anteriores, sobretudo de entreguerras e de logo após a guerra, quando a União Central dos Poloneses no Brasil dava o tom à vida polônica brasileira, nas últimas décadas, os acentos foram claramente transferidos para o nível regional.

Isso aconteceu graças ao desenvolvimento das estruturas locais e regionais brasileiras, portanto, da progressiva autonomia dos *estados-regiões* e da emancipação do nível municipal, assim como também da rápida integração dos meios polônicos com os sistemas sócio-econômicos e políticos regionais. Como é fácil deduzir do acima, como nível regional consideramos, no caso do Brasil, os *estados-regiões*, que no processo do desenvolvimento histórico e de longa duração configuraram os elementos básicos dos laços internos, indispensáveis para a consideração dos mesmos como *espaço regional socialmente formado*. Dentre outros laços e critérios, extraordinariamente importante é, nesse caso, a própria convicção generalizada da presença de uma existência, distinta do ponto de vista social, cultural e político, que é constituída pelo estado como unidade territorial-administrativa do Estado e o fato dos habitantes dos diversos estados se considerarem mutuamente diferentes. O critério adotado justifica o falarmos de *estados-regiões* e, em consequência, facilita a conceitualização das uniões polônicas regionais, que cresceram, juntamente com o fortalecimento dos laços estaduais.

O enfraquecimento gradual das estruturas polônicas centrais favoreceu o surgimento de iniciativas locais e o fortalecimento de instâncias locais e regionais em surgimento. Aproveitando essa ocasião, seria uma banalidade reportar-se adicionalmente à revolução tecnológica da comunicação. Em consequência, o mapa brasileiro das atividades polônicas, além das associações muito antigas, localizadas em sua maior parte em Curitiba, cobriu-se de uma rede organizações locais e regionais nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Nesse processo, significativo papel desempenhou o fato de que muitas comunidades territoriais locais, no início, exclusivamente polônicas, deram início às unidades administrativas municipais. Exemplos constituem Virmond no Paraná e Guarani das Missões no Rio Grande do Sul. Isso veio criar, quase automaticamente, novas possibilidades do exame da problemática polônica local à luz dos níveis locais-municipais e regionais-estaduais de autogestão sócio-política. Trata-se de uma tendência muito clara desde o início dos anos sessenta. Em alguns casos, como em Guarani ou Áurea, os elementos de polonismo foram, graças a isso, inclusive, institucionalizados.

No entanto, penso que se deve, nesse processo, considerar também outros fatores que claramente agem em favor das identidades polônicas regionais e locais, particularmente nos estados que possuem uma personalidade regional, excepcionalmente forte e, dir-se-ia, carismática. Isso acontece, indubitavelmente, no caso do Rio Grande do Sul, que se orgulha de sua "*identidade gaúcha*". No nível local, correspondente pode ser a paranaense Araucária, chamada com frequência "*a cidade polonesa*".

Pode-se qualificá-los como fatores poloneses ou polônicos, sendo que os mais importantes segundo minha opinião são:

- a existência das paróquias da Sociedade de Cristo para a Comunidade Polônica Internacional,
- a política de algumas organizações polônicas do apoio de suas atividades territoriais nas iniciativas e estruturas de base,

- renovação da instituição do consulado honorário da República da Polônia.

As paróquias da Sociedade de Cristo para a Comunidade Polônica Internacional, que funcionam no Brasil desde o final dos anos cinquenta, constituíram, a meu ver, um dos elementos muito importantes da criação de estruturas polônicas locais e supralocais. Essa problemática é tema de distinto projeto de pesquisa em realização no CESLA, o que certamente contribuirá para aprofundar o conhecimento desse fenômeno. De perto de quarenta paróquias territoriais existentes atualmente da Sociedade de Cristo, algumas inscreveram-se, de maneira particular, na recente história da criação das estruturas polônicas locais e regionais. Entre elas, pertencem certamente as já lembradas acima Virmond e Guarani, como também Santana e Dom Feliciano.

O retorno da instituição do consulado honorário da República da Polônia, no caso da nomeação para cónsules de ativos militantes polônicos trouxe uma extraordinária dinâmica para as atividades polônicas e o fortalecimento das comunidades locais e supralocais. A justificação dessa tese é o exemplo do Consulado Honorário de Erechim, no Estado do Rio Grande do Sul. Seria fácil também citar exemplos positivos referentes a outros países da América Latina.

Contudo, penso que o mais fundamental dos fatores polônicos que ativam a identidade polônica local e regional é a política de algumas organizações polônicas ao apoiar suas atividades territoriais nas iniciativas e estruturas de base. No primeiro momento, tenho em mente a Federação das Organizações Polonesas do Brasil - BRASPOL, que desde 1990 criou cerca de 300 organizações locais. Do ponto de vista organizacional, essa densa rede é baseada na estrutura da divisão administrativa do Brasil: localidades, municípios e estados. Isso cria completamente novas possibilidades da configuração de unidades territoriais polônicas. Esse processo ocorre somente há